

**SABERES DE PROFESSORAS DE
EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE AVALIAÇÃO**

Raiza Fernandes Bessa de OLIVEIRA – UNESP/IBILCE
(raizafbessa@gmail.com.br)

Maévi Anabel NONO – UNESP/IBILCE (maevi@ibilce.unesp.br)

Resumo:

Este trabalho refere-se aos saberes docentes sobre avaliação na Educação Infantil. Com esta investigação, realizada em 2014, pretendeu-se responder à seguinte questão de pesquisa: quais são os saberes de professoras sobre avaliação na Educação Infantil? De modo específico, objetivou-se: identificar qual é, do ponto de vista das professoras, a finalidade da avaliação na Educação Infantil; descrever e analisar as formas de registro que as professoras de Educação Infantil utilizam para documentar processos de desenvolvimento e aprendizagens das crianças; identificar quais saberes são necessários, do ponto de vista das professoras de Educação Infantil, para avaliar o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças pequenas; identificar, do ponto de vista das professoras de Educação Infantil, quais as contribuições e limitações de seus cursos de formação inicial para sua atuação nas creches e pré-escolas. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados observação, conversas informais e questionários. Os sujeitos da pesquisa foram professoras de uma escola de Educação Infantil de um município do noroeste paulista. Como resultado dos questionários respondidos pelas docentes, pôde-se perceber que elas possuem saberes relevantes sobre o tema. Entretanto, por meio das observações realizadas, constatou-se grande dificuldade em articulá-los à prática docente diária. Conclui-se, destacando a importância da formação inicial e continuada de qualidade, que permita a essas profissionais a construção dos saberes necessários para avaliarem as crianças pequenas, rompendo com práticas avaliativas que não são consideradas adequadas. Desse modo, a avaliação deve ser vista como instrumento de auxílio ao desenvolvimento e aprendizagem da criança, permitindo que ela construa sua identidade, e não como ferramenta para examiná-la, excluí-la ou denegri-la.

Palavras-chave: Professores-Formação, Educação Infantil, Avaliação.

Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil vem se consolidando, no Brasil, como etapa importante da Educação Básica. Desde a Constituição de 1988, que trouxe o atendimento em creches e pré-escolas para o capítulo da Educação, e, em seguida, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, que determinou que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, o atendimento de crianças de 0 a 5 anos em ambientes educacionais vem aumentando. Juntamente com a sua expansão, crescem também os estudos sobre a especificidade da infância e as necessidades da escola que a atende.

A avaliação na Educação Infantil é um tema que vem sendo cada vez mais estudado no campo educacional. Assim, entendendo este como um tema relevante no que diz respeito ao bom atendimento das crianças pequenas que frequentam creches e pré-escolas, ou seja, um tema relevante no que diz respeito, também, à formação inicial e continuada dos profissionais que trabalham com essa etapa da Educação Básica, buscou-se investigar os saberes que as professoras de uma instituição pública de Educação Infantil têm sobre o assunto, buscando analisar esses saberes e suas influências na prática docente.

JUSTIFICATIVA

Qual a finalidade da Educação Infantil? Será que os professores que atuam nessa etapa da Educação Básica ainda trazem consigo uma concepção assistencialista e/ou concebem a Educação Infantil como preparatória para o Ensino Fundamental? Ainda são muitas as questões em torno desta etapa da educação – sua função, seus objetivos, suas especificidades, como devem ser construídas as relações dentro das creches e pré-escolas, etc. Dentre essas questões, encontra-se a avaliação, ou seja, como deve ocorrer o processo de avaliação das crianças de 0 a 5 anos de idade que frequentam a Educação Infantil?

A importância deste trabalho justifica-se pela necessidade de estudar e discutir as formas e os objetivos da avaliação nesta etapa tão importante da Educação Básica, buscando inferir a necessidade da discussão do tema na formação dos professores de Educação Infantil.

OBJETIVOS

De modo geral, o objetivo desta investigação consistiu em investigar os saberes que professoras de Educação Infantil possuem sobre a avaliação.

Como objetivos específicos, pretendeu-se:

- a) Identificar qual é, do ponto de vista das professoras, a finalidade da avaliação na Educação Infantil.
- b) Descrever e analisar as formas de registro que as professoras de Educação Infantil utilizam para documentar os processos de desenvolvimento e as aprendizagens das crianças.

- c) Identificar quais saberes são necessários, do ponto de vista das professoras de Educação Infantil, para avaliar o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças pequenas.
- d) Identificar, do ponto de vista das professoras de Educação Infantil, quais as contribuições e limitações de seus cursos de formação inicial para sua atuação nas creches e pré-escolas, especificamente no que se refere à avaliação do desenvolvimento e aprendizagens das crianças.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O professor, principalmente aquele que lida com crianças de zero a cinco anos de idade, exerce influência essencial e determinante na vida e na auto-estima das crianças com quem tem contato, podendo proporcionar a elas conhecimentos de mundo diversos, desenvolver a subjetividade e a abstração, colaborando para a visão positiva dela mesma, etc., ou privando-a desses conhecimentos e reprimindo-a em diversos sentidos. Assim, entende-se que é impossível avaliar as crianças e seu desenvolvimento sem levar em consideração as especificidades da infância, as características pessoais e os aspectos sociais e culturais nos quais as crianças estão inseridas. Com isso, deve-se buscar uma avaliação contínua, dinâmica e formativa. Segundo Rezende (2007), para isso, é necessária uma ação pedagógica que vá na contramão da avaliação excludente ou ainda, classificatória, que vise um modelo de aluno ideal, com comportamentos ideais.

A avaliação, na Educação Infantil, deve levar em conta todos os aspectos do desenvolvimento de uma criança. Avaliá-la é, portanto, observar e registrar seu desenvolvimento, tendo como parâmetro para comparação a própria criança, ou seja, onde ela estava e aonde ela já chegou, percebendo suas potencialidades, suas dificuldades e suas características pessoais.

Neste sentido, avaliar é, de acordo com Silva (2012, p. 2):

[...] analisar o processo de construção da aprendizagem vivenciada pelo educando, tendo como objetivo redimensionar todo o momento das propostas educacionais, servindo como um instrumento educativo fundamental no desenvolvimento humano.

Isso significa que a autoavaliação do professor também é fundamental no que diz respeito ao processo de avaliação das crianças no âmbito da Educação Infantil. Dessa forma, “[...] a avaliação exige de quem avalia uma consciência clara de seu próprio papel e dos esforços que faz no sentido de atingir seus propósitos e objetivos” (SILVA,

2012, p. 2). Com isso, o professor deve estar ciente de que a avaliação “[...] não possui uma finalidade em si. Ao contrário, ela é o meio pelo qual podemos observar se estamos atingindo os objetivos previamente estipulados” (RICHTER; MOTA; MENDES, 2009, p. 185).

Richter, Mota e Mendes (2009) discorrem sobre o fato de que, apesar de as profissionais de Educação Infantil não se utilizarem de instrumentos de avaliação já consolidados em outros níveis de educação (como por exemplo, provas e notas), elas acabam por legitimar esse tipo de processo avaliativo excludente e constrangedor, só que em termos mais “sutis”, embora tão prejudiciais para a criança como os anteriores, com isso, “[...] apesar da sutileza, o erro continua concebido como algo a ser evitado” (RICHTER; MOTA; MENDES, 2009, p. 180).

Busca-se, então compreender a prática pedagógica dos professores de Educação Infantil no que diz respeito à avaliação das crianças. Uma ferramenta importante para a realização desta tarefa é o registro. O registro pedagógico norteia o trabalho, representa o pensamento e a organização da ação, além de, implicitamente, revelar as visões de mundo e concepções do professor. Segundo Silva (2012), o registro é essencial no processo de avaliação das crianças pequenas; ele deve ser sistematizado e coerente, deve ser elaborado de diferentes maneiras, de modo que permita ao professor observar o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, bem como avaliar e acompanhar a sua própria prática pedagógica, buscando melhorias, modificações e transformações pertinentes.

Para a construção de práticas avaliativas que caminhem juntas com a valorização da criança pequena em sua especificidade e com o seu direito a um atendimento e educação de qualidade, é necessário que o professor, e também a escola, tenham claros suas metas e objetivos, levando em consideração as características de seus alunos, com base na compreensão das fases do desenvolvimento infantil. Tem-se, também, como base para o entendimento da prática avaliativa docente, o que as políticas públicas para a Educação Infantil e os documentos que tratam desta etapa da Educação Básica propõem sobre a avaliação das crianças pequenas. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998), em seus variados temas e conteúdos de ensino, coloca que o professor deve fazer uma avaliação formativa em

relação às crianças e seu aprendizado. Como, por exemplo, neste trecho no qual no documento aponta-se como deve ser a avaliação na área da Música:

A avaliação na área de música deve ser contínua, levando em consideração os processos vivenciados pelas crianças, resultado de um trabalho intencional do professor. Deverá constituir-se em instrumento para a reorganização de objetivos, conteúdos, procedimentos, atividades, e como forma de acompanhar e conhecer cada criança e grupo. Deve basear-se na observação cuidadosa do professor. O registro de suas observações sobre cada criança e sobre o grupo será um valioso instrumento de avaliação (BRASIL, 1998, p. 77).

Sendo assim, entende-se a avaliação na Educação Infantil como um processo flexível, contínuo e formativo, que permite ao professor sistematizar e refletir sobre os processos de ensino-aprendizagem, sobre a sua própria prática docente e sobre as necessidades e o desenvolvimento das crianças que estão sob sua responsabilidade, a fim de identificar as práticas que foram bem sucedidas, bem como falhas e o que precisa ser modificado e melhorado. Avaliar é uma ação intrínseca aos atos de cuidar e educar as crianças nas creches e pré-escolas, colocando ao professor e às escolas o grande desafio de ressignificar as práticas educativas e o modo como a avaliação é entendida nesta etapa da Educação Básica.

METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa se refere a uma abordagem qualitativa, que buscou interpretar os questionários respondidos pelas professoras sujeitos da pesquisa, bem como analisar, por meio de observações e registros em diário de campo, a prática avaliativa diária dessas profissionais para com as crianças. Assim, buscou-se estabelecer relação com objetivos previamente determinados para a pesquisa, assim como com referencial teórico estudado.

Os questionários eram compostos por cinco questões, versando sobre os seguintes tópicos: a contribuição, ou não, dos cursos de formação inicial e de formação continuada em relação à avaliação na Educação Infantil; os saberes necessários para um professor conseguir avaliar, no dia a dia, o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças; instrumentos utilizados para a avaliação do desenvolvimento e das aprendizagens das crianças e as formas de registro das professoras; o que é possível de ser avaliado no desenvolvimento e nas aprendizagens das crianças; o significado, do ponto de vista das professoras, da avaliação nessa etapa da Educação Básica.

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Os dados foram coletados em uma escola pública de Educação Infantil localizada em um município do noroeste paulista, com cerca de 400 mil habitantes. A escola atendia a cerca de 115 crianças de 0 a 4 anos de idade, em período integral. Todas as professoras são do sexo feminino e possuíam, no período da coleta dos dados, entre 27 e 52 anos de idade. A maioria delas cursou o Magistério de nível médio, e todas fizeram também o curso de Licenciatura em Pedagogia.

A coleta de dados foi realizada por meio de aplicação de questionário, observação e registro em diário de campo. Foram utilizados, na pesquisa, 10 questionários, respondidos pelas docentes que trabalhavam na instituição e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os sujeitos da pesquisa foram nomeados de P1 a P10. As visitas à escola de Educação Infantil campo de pesquisa foram realizadas duas vezes por semana, durante os meses de abril e maio de 2014, em período integral. As observações foram realizadas em um agrupamento de 24 crianças entre 3 e 4 anos de idade (Maternal II) que estavam, no período da coleta, sob a responsabilidade de 2 docentes (1 no período da manhã e 1 no período da tarde) e contava com a presença de 2 estagiárias (1 em cada período).

RESULTADOS

Levando-se em consideração os questionários respondidos, entende-se que as professoras de Educação Infantil que trabalham na escola campo de pesquisa possuem saberes relevantes sobre a avaliação nesta etapa da Educação Básica:

A avaliação na educação infantil acontece nas observações diárias das ações das crianças, seus avanços, suas dificuldades, seu modo de ser e agir estando ligada a reflexão da prática pedagógica. Significa aceitar as diferenças de cada um e ao mesmo tempo refletir sobre os pontos positivos e negativos da prática pedagógica buscando ajudar as crianças para que elas possam se desenvolver com sucesso (P9).

No que se refere aos saberes das professoras sobre a finalidade da avaliação na Educação Infantil, elas destacam aspectos do desenvolvimento das crianças que podem ser avaliados, entre os quais, “[...] a linguagem oral, a autonomia, a identidade, movimento, socialização, desfraldamento, higiene corporal e bucal”(P1),“A coordenação motora geral, a coordenação motora fina, a convivência em grupo, as habilidades, enfim: o desenvolvimento no geral” (P4),“O desenvolvimento na

linguagem oral, através de músicas, roda de conversas, a autonomia, a coordenação fina, através de trabalhos com canetas, giz de cera, pincel, conhecer o nome, as cores primárias, etc” (P6). Muitas destacam também a importância do registro e as formas das quais se utilizam para registrar a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças: P2 coloca que “[...] a avaliação na Educação Infantil se dá por meio de anotações, fotos e vídeos, tudo visando o desenvolvimento da criança” e afirma que se utiliza de “[...] vídeos, fotos, registros, recolhimento de informações dos pais e opiniões dos professores da mesma sala” (P2).

No que se refere aos saberes necessários para avaliar, as professoras reconhecem a importância de saber observar e saber reconhecer o tempo e as características de cada criança, bem como saber elaborar um planejamento que oriente a prática pedagógica, como P4 coloca: “[...] é importante saber observar cuidadosamente, criar objetivos e planejar atividades adequadas e ter flexibilidade à mudança, caso seja necessário”. P7 concorda quando defende que “[...] o professor precisa ser observador, criar objetivos e planejar atividades adequadas, dando assim um real ponto de partida para esta observação”. Destacam também a importância de saber registrar, como revela o trecho escrito por P10: “O registro, é fundamental registrar e observar as atividades e o desenvolvimento de cada criança, para que possamos obter informações sobre o conhecimento e os avanços que esses pequenos estão tendo”.

Já no que diz respeito à formação inicial e continuada e práticas de avaliação, pode-se perceber que boa parte das docentes aponta ter tido contato com saberes referentes à avaliação na Educação Infantil em algum momento de sua formação profissional, seja inicial ou continuada, embora algumas apontem lacunas nos cursos de formação no que se refere a esse tema.

Muitas das profissionais afirmam entender, ainda, a avaliação como instrumento de reflexão de suas práticas pedagógicas, ou seja, uma ferramenta que as auxilia no planejamento das atividades e na formulação de mudanças que se fazem necessárias no cotidiano da creche. Em suas respostas aos questionários, as professoras fazem pouca referência (apenas 1 ocorrência) a estudos e documentos oficiais que tratam do tema avaliação na Educação Infantil, embora deva-se deixar claro que não foi solicitado explicitamente a elas que fizessem tais referências.

As observações foram realizadas tendo por base os focos de análise e objetivos desta pesquisa, buscando estabelecer relações entre o que era observado no espaço da Educação Infantil e o referencial teórico sobre a avaliação nesta etapa da Educação Básica. As observações ocorreram em um agrupamento de 24 crianças entre 3 e 4 anos de idade (Maternal II). Os processos avaliativos se deram no âmbito da rotina escolar e do trabalho pedagógico do qual as crianças, as docentes e as estagiárias fazem parte. Assim sendo, tendo como base o referencial teórico sobre a avaliação nesta etapa da Educação Básica, bem como os objetivos da pesquisa, buscou-se compreender esses processos e discuti-los.

As docentes e estagiárias observadas terão suas identidades resguardadas, portanto será usada a seguinte nomenclatura para identificá-las: Professora da manhã – P9; Professora da Tarde – P10; Estagiária da manhã – EM; Estagiária da Tarde – ET. A seguir serão descritas e analisadas algumas situações registradas em diário durante a realização da pesquisa.

Durante a realização de uma atividade, as meninas estavam sentadas, fazendo uma dobradura, e a professora tenta incentivá-las: “Isso, parabéns! Tá certo! Vai ficar do jeito que vocês fizerem, do jeito de vocês, não tem problema!”(P9). Nessa fala, fica claro que a professora entende como importante dar um retorno para as crianças em relação ao seu desempenho; ela está, portanto, avaliando-as, e, neste caso, seu comentário foi positivo. Em outro momento, a professora pede que elas colemb a dobradura na folha; uma delas parece não se importar com a orientação e não faz o que foi solicitado. A professora, então, comenta: “Ela é passada! Sempre tem um desses, né!?” (P9). Nesta fala da professora fica evidente seu julgamento negativo em relação não só ao comportamento da criança naquele dado momento, mas sobre a sua personalidade e jeito de ser.

Outras falas das docentes podem ser analisadas da mesma forma. Quando, por exemplo, ET se dirige para uma criança “Vamos! Você vai embora, coloca seu sapato. Tem que desenhar para ele entender”. O modo pejorativo com que ela se dirige à criança é extremamente prejudicial à formação da identidade e da auto-estima da mesma, pois, as experiências dos primeiros anos de vida são essenciais para a construção da pessoa como sujeito, como destaca Oliveira (2007, p. 178):

Enfocando essa discussão no campo da educação escolar, percebe-se que o professor é o profissional que atua mais diretamente com a criança em um período consideravelmente longo, por isso ele exerce grande poder de influência sobre a sua auto-estima e sobre a sua personalidade. Essa influência é ainda maior quando se trata de crianças na faixa etária de zero a seis anos, que se encontram vulneráveis a qualquer influência de um adulto mais próximo.

Em alguns momentos, é possível perceber o esforço das docentes em relação ao aprendizado das crianças, de modo que elas não fiquem “atrasadas” e sofram por isso nas próximas etapas da escolaridade. É evidente também que suas práticas são bastante baseadas em elogios e broncas, disciplinamentos e comparações, prêmios e ameaças: “Parabéns! É isso mesmo!” (P9); “Parabéns! Tá lindo!”(P10); “Olha só como está a sua folha! Amanhã sua mãe vai ver, viu? Ela vai ver como você cuida das coisas” (tom de ironia) (P9); “Eu só vou ser amiga de quem obedece” (P9); “Fecha o bico! Você quer ficar sozinho lá fora? Então para!”(P9); “Olha aí no que dá ficar atrapalhando na hora da história, agora fica sem brincar. Eu estou muito triste, meu coração vai embora triste com vocês”(EM); “Ah, esse passado, sem noção; mas esse aqui é uma graça, ele sabe tudo, não tem como não gostar” (ET).

Outro equívoco claro é a comparação baseada no gênero das crianças, ou seja, a professora compara constantemente o desempenho e a aprendizagem delas com base na divisão entre meninos e meninas, sendo que as meninas apresentam – ou deveriam apresentar – resultados superiores: “As meninas picam certinho, quadradinho, mas esses meninos...” (P9); “Que nojo, olha o que você fez! Você é princesa, menina, não pode fazer isso!” (P9); “Eles são muito diferentes das meninas” (P9). Esse tipo de atitude por parte da docente é considerado prejudicial, pois ela não parte da própria criança como seu parâmetro de reflexão sobre o desenvolvimento dela mesma, mas sim, cria estereótipos de crianças e de comportamentos ideais que, na verdade, inexistem:

Embora a professora de Educação Infantil não faça uso de instrumentos de avaliação, como a prova, a nota e a reprovação, que legitimam a prática avaliativa convencional, faz uso de formas mais sutis e talvez tão prejudiciais ao desenvolvimento infantil, como, por exemplo, certas comparações entre alunos (RICHTER; MOTA; MENDES, 2013, p.179).

Outra questão que deve ser discutida é a postura docente frente ao erro das crianças. Esse tipo de atitude revela a necessidade da transformação de conceitos escolares em relação ao erro, fazendo com que este passe a ser visto como algo natural ao ser humano que vive em uma dinâmica de constante aprendizado, ainda mais quando

se trata de crianças tão pequenas, que ainda estão se desenvolvendo. Como na situação a seguir:

A professora (P10) está com todas as crianças na sala. No chão, um painel que está sendo pintado com tinta pelas crianças. Um menino está com o rolinho na mão, ele passa o rolo com força, vira a mão para um lado e para o outro tentando pintar a folha. A professora avisa: “Você vai rasgar a folha desse jeito!”. Antes mesmo que a criança tenha tempo de continuar, a professora tira o rolinho da mão dela e o entrega para outra criança (Diário de campo, 04/05/2014).

Assim, o erro deve passar a ser entendido como possibilidade: possibilidade de intervenção do professor; possibilidade de compreensão do raciocínio da criança; possibilidade de refletir sobre o que a criança já sabe e aonde ela ainda precisa chegar.

Como pontos positivos, pode-se destacar a reflexão das professoras sobre a sua própria prática pedagógica. Dessa forma, por meio da resposta das crianças, seu desempenho, seus interesses e suas dificuldades, as docentes buscam reformular a sua prática, buscando obter melhores resultados, ou seja, com o objetivo de que as crianças aprendam mais e melhor:

A melhor avaliação é eu acompanhar a minha prática e mudar a forma como eu faço as coisas, sempre que precisar... A gente tem que se adaptar a cada criança, pois cada uma aprende de um jeito e se elas não aprenderem, a gente não alcança nossos objetivos (P9).

Em relação às formas de registro utilizadas pelas docentes, identificou-se que elas se utilizam de diferentes meios e recursos para registrar o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças. As formas de registro utilizadas pelas professoras são as seguintes: diário de classe; relatório na caderneta; fotos, vídeos e atividades (portfólios); fichas descritivas individuais.

É importante destacar, também, que as docentes reconhecem o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, dentro do que foi planejado por elas ao longo da rotina escolar. Muitas vezes, elas identificam nas crianças, individual e coletivamente, esse desenvolvimento e, em outros casos, se utilizam das situações cotidianas para reformular as suas práticas em busca de melhores resultados: “A gente tem que fazer mais de uma vez pra ver qual o melhor jeito, qual dá mais certo” (P9); “Ela participou (a criança), pela primeira vez! Ela nunca falava nada porque é muito tímida!” (P9); “Eles melhoraram muito. Na primeira semana eu quase pedi pra sair, é questão de muito amor, muita dedicação... Eles mudaram muito, ainda não está bom, mas quando a gente deseja uma coisa, uma hora acontece” (P9).

Neste sentido, entende-se que as professoras se esforçam, também, para que as crianças aprendam e se desenvolvam, e se cobram como profissionais quando isso não acontece. Infelizmente, esse tipo de prática aparece pontualmente em alguns momentos da rotina da creche, sendo que, em outros, destacam-se práticas avaliativas comparativas e punitivas, baseadas na comparação entre as crianças (principalmente com base no gênero), comparações entre as “crianças-problema” e as “crianças ideais”, punições (principalmente perder momentos de brincadeira, como o parque), reclamações em relação ao comportamento e as atividades das crianças, e elogios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta pesquisa foi possível considerar que as docentes que foram observadas e atuavam na escola campo de pesquisa oscilam entre essas duas posturas. Entretanto, no geral, as práticas avaliativas das professoras de Educação Infantil acabam por se basear em práticas adultocêntricas, disciplinadoras e controladoras dos comportamentos das crianças. Elas se utilizam de elogios, comparações, punições, ameaças e recompensas para alcançar certos objetivos e comportamentos em relação ao grupo e a cada criança individualmente. Muitas vezes, essa postura por parte das docentes se justifica pela preocupação para que as crianças aprendam e se desenvolvam, de modo a não ficarem “atrasadas” e não sofrerem nos anos subsequentes de escolarização, o que não vai ao encontro do referencial teórico e das orientações sobre o tema.

Em relação à concepção das docentes sobre finalidade da avaliação na Educação Infantil, pode-se considerar que o discurso geral das professoras não destoa do referencial teórico e das orientações sobre a avaliação. Entretanto, na prática, os procesos avaliativos são permeados de práticas e posturas que não são consideradas ideais, já que nesta etapa da educação, a avaliação deve ser processual e contínua, sem intenção de promoção das crianças.

Foi possível observar que as docentes se utilizam de diferentes formas de registro para acompanhar o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças. Essas têm seus portfólios individuais dentro de cada projeto; além disso, fazem o diário de classe diariamente e um resumo do mês na caderneta dos alunos. As docentes também elaboram a ficha descritiva de cada criança, ficha esta que deve conter os avanços e

aprendizados das crianças e que é discutida com os pais em uma reunião. Elas também se utilizam de fotos, desenhos e atividades para acompanhar e avaliar as crianças.

Em relação aos saberes necessários para se avaliar na Educação Infantil, pode-se perceber que estes saberes são muitos, e complexos. Os processos avaliativos na Educação Infantil muitas vezes ocorrem de maneira subjetiva e sutil, e isso faz com que os professores tenham uma postura avaliativa dura e punitiva, muitas vezes, sem nem ao menos perceberem. Com as respostas dos questionários respondidos pelas docentes, foi possível observar que elas reconhecem que é necessário ao profissional de Educação Infantil saber observar, saber acompanhar o desenvolvimento infantil, bem como elaborar e reelaborar seu planejamento de acordo com as necessidades de cada criança e do grupo. Entretanto, na prática, adquirir essa postura exige um esforço constante de ruptura com práticas avaliativas adultocêntricas, punitivas e comparativas, de modo que se alcance a real finalidade da avaliação nas creches e pré-escolas.

Neste ponto, recai-se novamente na questão primordial: a formação desses profissionais. Adotar esse tipo de postura exige uma formação inicial e continuada de qualidade para que as professoras não acabem por repetir com os seus educandos as práticas vivenciadas por elas em suas trajetórias como alunas da Educação Básica. Neste sentido, essa formação sobre a avaliação das crianças pequenas se mostra de essencial importância para o rompimento com práticas avaliativas que não são consideradas adequadas e para que as crianças que frequentam as creches e pré-escolas tenham o direito de aprender e se desenvolver plenamente sem serem julgadas, avaliadas rigidamente por seus resultados e comportamentos, punidas, comparadas com outras crianças, etc.

Busca-se, assim, uma Educação Infantil que permita às crianças a construção de suas identidades e de sua auto-estima, afim de que elas sejam sujeitos de suas aprendizagens e de suas histórias. Desse modo, a avaliação deve ser vista como um instrumento de auxílio ao desenvolvimento e aprendizado da criança e não como ferramenta para examiná-la, excluí-la ou denegri-la de qualquer forma que seja.

Referências bibliográficas:

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. 3 v. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

OLIVEIRA, M. I. O olhar de professoras da rede municipal de Cáceres/MT sobre a Educação Infantil. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 16, nº 31, p. 173-189, mai./ago. 2007.

REZENDE, M. A. R. Avaliação/Registros escolares: (Re-) Significando espaços educativos. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (ANPEd), n. 30, Caxambu, 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT04-3602--Int.pdf>>. Acesso em jul. 2015.

RICHTER, L. M.; MOTA, M. V. S.; MENDES, O. M. Os propósitos da avaliação desenvolvida na Educação Infantil. *Ensino em Re-Vista*, 11(1): 173-187, jul.02/jul.03. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/7909> Acesso em jul. 2015.

SILVA, S. O. C. Quando a avaliação revela mais as concepções do avaliador do que sobre o perfil dos sujeitos avaliados, na Educação Infantil. *Revista Meta: Avaliação*, Rio de Janeiro, v. 4, nº 12, p. 289-313, set./dez. 2012. Disponível em: <http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/162> Acesso em jun. 2015.